Um sonho que acabou

Publicação: O Mundo em Português Nº60

Data de Publicação: Dezembro de 2005

Autor: Alfredo G. A. Valladão

Portugal sempre foi mar grande e horizontes. Quando o mar é pequeno e os horizontes minguam, o país se estreita, fecha-se, resvala no cinzento, no provinciano, na mediocridade dos políticos do Eça. Conheci Portugal, de norte a sul, no verão de 1971. Lindo e letárgico, vestido de mantas pretas e diminutos chapéus, muita pobreza orando em pé diante de pequenas capelas, pelourinhos solitários, velhos anúncios parados no tempo como de resto as aldeias e cidades. Lisboa era mais fora do século do que Praga ou Budapeste. Uma terra roída pelos conflitos africanos, o preço de haver trocado a navegação pelo chão da colónia. Gente humilde, curvada e deferente, mas com aquela genuína cordialidade e extrema civilidade que sempre será a marca desta velha nação.

A revolução de Abril, antes de ser política, foi uma metamorfose emocional e mental. Abandonar a ilusão do império abriu repentinamente novos horizontes, a começar pelo simples quotidiano. Reduzido ao seu exíguo território peninsular, Portugal redescobriu que podia e devia navegar. As pessoas endireitaram-se, do preto e branco passou-se às cores, lá onde havia silêncio as palavras transbordaram.

Os anos de Abril foram um rasgo, um imenso potlatch onde se destruíram as riquezas acumuladas por uma ditadura ginja em troca de projectos, mudanças, liberdades. Inédito foi o aparecer das mulheres, firmes, seguras, largando de vez, sem mais pensar, a canga de um catolicismo luso obscurantista. O comércio, o investimento, a ambição individual romperam a crosta acumulada do funcionalismo público esclerosado e dos minifúndios miseráveis e latifúndios improdutivos. O risco capitalista ressurgiu da ruína da rapina colonial, muitas vezes pela obra das mesmas personagens, os retornados do ultramar.

Por falta de mar, esta poderosa energia de Abril investiu na terra. Os anos 80 foram os da descoberta da Europa, do grande esforço para integrar esta nova fronteira, para ganhar os benefícios dos fundos estruturais e as benesses do «capitalismo social de mercado». Era de ouro do sonho social-democrata com os seus autocarros e lixeiras urbanas côr de laranja – um ar de Suécia atlântica. Arquitectos e especuladores rasgam

as cidades, passam por cima do pitoresco decrépito num afã de modernidade de vidro, aço, auto-estradas. O Algarve transforma-se num imenso Club Méditerranée. Até os emigrantes participam deste entusiasmo cobrindo o Norte de suas casinhas «tipo maison».

Instala-se a prosperidade, aventura nova para um país tão pobre, e Portugal esbanja criatividade, arte, novidade, sofisticação. A Expo98 e a ponte Vasco da Gama vêm coroar os anos 90, dinheiro fácil, bares e restaurantes pós-modernos, renovações «chiques» de bairros populares. Até o terrível incêndio do Chiado ajuda a transformar o velho comércio lisboeta, com seu cheirinho fin de siècle, nas lojas globalizadas iguais às de todas as capitais europeias. A Europa foi o vasto horizonte da reconstrução de Portugal e o país atirou-se a ele.

Terra, porém, não é mar. Necessita labuta constante, persistente, acumulação lenta e sustentável, parcimónia e planejamento. A Europa foi vivida como pote de ouro fácil, outra Mina, a modernidade comprada a crédito. A festa acabou quando a mina secou. O coração social-democrata continental implode lentamente, envelhecido. Na Europa dos Vinte, deslocada, os fundos vão para o Leste. A terra escapa para o Oriente, deixando um Portugal órfão, mais uma vez reduzido a parapeito atlântico.

O horizonte se encolhe, a dúvida se instala. A prosperidade alcançada torna-se um peso, protegê-la a qualquer custo abre um rombo nas finanças públicas. A falta de futuro alimenta a mediocridade e a política se desfaz em escândalos vis. A vitrine moderna, brilhante, continua de pé, mas envolta na angústia do declínio.

E novamente o mar atrai. Os olhares voltam-se de novo para Áfricas míticas e as Américas. A TAP compra a Varig e a Portugal Telecom, de tão presente, conseguiu até ser envolvida nos alvoroços das denúncias de corrupção brasileiros. O Ocidente reemerge, quase encabulado, no horizonte português. Será que o novo Portugal, aberto e sempre inquieto, ainda vai descobrir o Brasil?